

Jude Deveraux

DESEJOS DO CORAÇÃO

Tradução
Raquel Dutra Lopes

*Quinta Essência**

1

Gemma só tinha a certeza de uma coisa: queria tanto aquele emprego que teria sido capaz de assassinar alguém para o conseguir.

Bem, talvez não matasse alguém, mas certamente poderia partir alguns braços ou pernas.

Estava ao lado de Mrs. Frazier, a olhar para a despensa cheia de caixas velhas e sujas muito bem arrumadas nas novas prateleiras de madeira, e sabia que nunca tinha visto algo tão belo. «Fontes originais», gritava-lhe uma voz dentro da cabeça. À sua frente encontravam-se contentores cheios de documentos em que ninguém tocara durante centenas de anos.

Mrs. Frazier, alta e com um ar majestoso, observava-a com condescendência e estava obviamente à espera que ela dissesse qualquer coisa. Mas como poderia Gemma explicar o que sentia? Como poderia descrever o fascínio que toda a vida sentira por História? Como poderia falar da aventura que a descoberta daqueles documentos representava para ela? Ou da excitação da procura por nova informação, nova...

– Talvez tudo isto seja um pouco avassalador – disse Mrs. Frazier enquanto apagava a luz, um sinal evidente de que Gemma deveria afastar-se das preciosas caixas e dos mistérios que continham.

Com relutância, seguiu a senhora para a acolhedora sala de estar. Até a casa de hóspedes, que seria para usufruto de quem quer que ficasse com aquele emprego, era encantadora. Tinha uma sala de estar ampla com uma cozinha ao fundo, um grande quarto com uma casa de banho privativa, para além da despensa que haviam acabado de ver. Na parte da frente da casa encontrava-se um escritório espaçoso e de uma beleza extraordinária, com janelas panorâmicas que davam para uma grande extensão de relvado e flores. Lá fora, logo a seguir ao acesso coberto, havia uma garagem com espaço para três carros que estava cheia até ao teto de ainda mais caixas com documentos por catalogar.

Gemma tinha a cabeça às voltas com a enormidade do trabalho que aquele emprego implicava. Quando o orientador do seu doutoramento em História lhe enviara um *e-mail* no qual dizia que lhe tinha arranjado uma entrevista para um emprego temporário na pequena vila de Edilean, na Virgínia, ficara satisfeita. Depois, no entanto, ele explicara-lhe que uma mulher que frequentara aquela universidade queria contratar alguém para esquadrinhar os papéis da sua família e escrever uma genealogia. Gemma desdenhara da ideia. O que queria aquilo dizer? Uma tetravó e a história da chegada de emigrantes a Ellis Island? Era demasiado maçador.

Horas depois, no mesmo dia, ela passara pelo gabinete dele para lhe responder pessoalmente. Disse-lhe que lamentava mas que, tendo terminado a parte presencial do curso, precisava de se concentrar na dissertação para poder terminar o doutoramento.

– Acho que deveria analisar isto.

O orientador passou-lhe uma carta impressa em papel velino caro e pesado. Ali, dizia-se que Mrs. Peregrine Frazier adquirira, dos herdeiros da família do marido, em Inglaterra, várias centenas de caixas cheias de documentos que remontavam ao século XVI. Oferecia emprego a alguém

que os catalogasse e escrevesse uma história daquilo que encontrasse.

Gemma olhou para o seu orientador, sentado do outro lado da mesa. «Século XVI» e «várias centenas de caixas» não eram exatamente uma genealogia vulgar.

– Quem mais viu já estes papéis?

– Ratazanas, ratos – replicou o orientador, agarrando num envelope grosso. – Está tudo aqui. Os documentos têm estado no sótão de uma casa inglesa desde que a construíram no tempo da rainha Isabel I. A família... – Tirou uma folha do envelope e passou-lhe um olhar de relance. – Eram os condes de Ryp-ton. Venderam a casa aquando da independência americana, mas, ao fim de uma geração, a família conseguiu comprá-la e reavê-la. Recentemente, o casarão tornou a ser vendido, mas desta vez a uma empresa que queria os sótãos vazios pelo que foi tudo leiloado.

Gemma sentou-se. Na verdade, quase desfaleceu na cadeira em frente à secretária do orientador.

– Então esta Mistress Frazier...

– Foi a Inglaterra e comprou toda a papelada que estava guardada há séculos naquela casa. Aqui não se diz ao certo quanto pagou por tudo, apenas que foi uma quantia de «vários milhares». Parece que houve uma guerra de licitações no leilão, mas Mistress Frazier voltou com tudo. Fiquei com a impressão de que se trata de uma mulher formidável. Quando quer uma coisa, consegue-a.

Gemma olhou para a carta que tinha na mão.

– E ninguém sabe o que há nas caixas?

– Não. A casa de leilões atirou tudo para o andar de baixo e dividiu as caixas em lotes. O facto de não terem aberto o que quer que fosse causou em parte o frenesi de licitações. Tanto quanto se sabe, aquilo pode ser só uma série de contas caseiras que pouco interessarão a alguém que não seja da família. A quantidade de carne de vaca que o conde comprou em mil setecentos

e quarenta e dois poderia fascinar os descendentes, mas mais ninguém. Decerto não fascinaria o júri de avaliação de doutoramentos. – Fez uma pausa. – Mas também é possível que haja algo de interesse mais universal – acrescentou ele com um sorriso.

Gemma estava a tentar absorver aquela informação.

– Quanto tempo julga esta mulher que uma pessoa só, sem qualquer pessoal, levará a percorrer esses documentos e a alinhar uma história familiar?

– Ela está a oferecer dois anos, para começar, e isso inclui alojamento gratuito na propriedade da família, uso de um carro e um salário anual de vinte e cinco mil dólares. Se não ficar feito em dois anos... – Ele encolheu os ombros. – Acho que o que está em jogo é que demorará o tempo que for preciso. Se não tivesse mulher e filhos, eu próprio me candidataria.

Gemma continuava a esforçar-se por compreender o sentido dos factos. Se aquela informação era legítima, ela poderia escrever a sua dissertação a partir de algo que encontrasse naquela quantidade imensa de dados. Naquele ponto, ainda nem tinha um assunto sobre o qual escrever, quanto mais pesquisa iniciada. Voltou a encarar o orientador.

– Então qual é o senão?

– Tem concorrentes de peso.

Ao vê-lo hesitar, ela soube que as notícias não seriam agradáveis.

– Quem?

– O Kirk Lawrence e a Isla Wilmont.

O rosto de Gemma revelou a sua surpresa. Tinham os três a mesma idade e todos se encontravam a finalizar os doutoramentos, mas, para além disso, não havia qualquer semelhança entre ela e os outros dois.

– Porque haveria qualquer um deles de querer um emprego destes? Uma vilória na Virgínia, morar na casa de hóspedes de alguém? Anos de pesquisa? Isso não parece do género nem dele, nem dela.

– Ouvi dizer que há três filhos adultos. Solteiros. Ricos. Gemma suspirou.

– Isso explica o interesse da Isla, mas e o Kirk?

– Pelo que sei, o fundo que o pai lhe deixou em herança sustenta-o enquanto ele estiver a estudar. Tudo o que ele precisa de fazer é encantar Lady Frazier para que esta o contrate e assim poderá adiar a conclusão do doutoramento. Ouvi dizer que, se não arranjar emprego logo que termine os estudos, terá de entrar para o negócio da família, que é fabricar janelas e portas. – Olhou para Gemma. – Estes documentos podem representar uma boa oportunidade de publicação.

Gemma conteve a respiração. A publicação – para além da tese de dissertação – era o que podia decidir, para o bem e para o mal, uma futura carreira académica. Ser publicado poderia livrar Kirk do negócio familiar e talvez Isla não estivesse desesperada a ponto de casar com alguém que a sustentasse.

Ao pensar na fina sofisticação de Kirk e Isla, não lhe era difícil imaginá-los a encantar uma mulher de uma terreola. Mas, mesmo que não tivesse hipóteses de os vencer, isso não ia impedi-la de tentar.

– Como é que a Mistress Frazier ouviu falar de mim?

– Parece que o reitor da universidade é um velho amigo dela. Há uns dois meses, ele pediu a toda a gente do departamento de história que lhe enviasse recomendações de alunos para este emprego. Todos nós mandámos algumas, Mistress Frazier reduziu a lista a três pessoas que deseja entrevistar e a Gemma é uma delas. A propósito, eu escrevi uma recomendação muito elogiosa, na qual dizia que a Gemma fazia o melhor que pudesse ser feito.

– E tenho a certeza de que outro professor... ou, provavelmente, meia dúzia de outros professores escreveram o mesmo acerca do Kirk e da Isla.

– Não tenho a mais pequena dúvida disso – replicou ele. – A diferença é que o que eu escrevi corresponde à verdade. Vai à entrevista, não vai?

– Claro. Ao menos gostava de ver a parafernália. – Gemma abriu a porta do gabinete mas depois virou-se de novo para ele. – Tem noção, não tem, de que se esta Mistress Frazier tem uma propriedade, isso é sinónimo de campos de golfe e jantares com três garfos. O Kirk e a Isla fazem o género de pessoas que ela quererá a viver por perto, não Gemma Ranford, que...

– Que trabalha mais numa semana do que aquelas duas borboletas num ano.

– Obrigada – disse ela, a levar a alça da bolsa ao ombro.

Ele ficou satisfeito por ela ir tentar. Se alguém merecia uma oportunidade era Gemma. Ele nunca tivera um aluno que se esforçasse mais do que ela.

– Então e para onde vai agora?

– Adivinhe.

Ele sorriu.

– Dar socos aos rapazes?

– Acertou. Tenho de fazer qualquer coisa para ter a certeza de que aprendem. – Enquanto saía do gabinete, guardou o envelope na bolsa.

Nessa noite, Gemma fechou a porta do seu quarto, meteu-se na cama e começou a analisar o conjunto de papéis que Mrs. Frazier havia preparado. Leu acerca do leilão em Inglaterra, acerca da vila de Edilean – que ficava a uns quinze quilómetros da Universidade William and Mary, em Williamsburg – e pensou em tudo aquilo. Às onze horas, uma das duas raparigas com quem dividia a casa regressou no meio de uma cacofonia de risinhos e de tropeções na mobília. Foi com o namorado mais recente para o quarto e pouco depois outros sons começaram a ouvir-se.

Gemma tapou a cabeça com as cobertas e serviu-se da luz de leitura para prosseguir a análise. Havia fotografias da propriedade dos Frazier. Era uma casa ampla, num terreno de dez hectares, com duas casas para hóspedes entre o arvoredado. Os

Frazier tinham quatro enormes concessionários de automóveis na Virgínia, e havia uma brochura de um deles que ficava em Richmond. *O maior* era a expressão que se repetia para descrever o lugar.

Contudo, Gemma não estava interessada no folheto publicitário. O que a atraía era a ideia de ir percorrer os antigos documentos e ver aquilo para que ninguém olhava havia séculos.

Ouviu-se um baque no quarto da companheira de casa, como se alguém tivesse caído da cama.

– E a paz e o sossego para lhe prestar toda a atenção – resmungou ela em voz alta.

Quando os sons íntimos começaram a tornar-se mais ruidosos, Gemma pôs uma almofada em cima da cabeça. Não podia ter um apartamento só seu. Gastava nos estudos o dinheiro que ganhava a dar explicações ao que por vezes parecia ser a maioria dos membros das equipas desportivas da universidade. Até ela se espantava por ter conseguido chegar tão longe com tão pouco.

Agora preparava-se para estudar a sério, quando começasse a trabalhar na tese de dissertação – e a questão financeira preocupava-a. Pesquisa aprofundada custaria muito dinheiro. Se optasse por um tema que lidasse com algum aspeto histórico que tivesse acontecido longe da faculdade – e era óbvio que ela queria material novo –, as despesas incluiriam viajar, o que implicaria custos com alimentação e alojamento. Depois haveria a questão dos livros, dos materiais de escritório, até das fotocópias. Ao longo daquele ano, andara preocupada, sem saber como iria governar-se. Porém, concluir o doutoramento poderia estabelecer a diferença entre arranjar um emprego a ensinar numa faculdade de segunda ou numa universidade de renome. Se conseguisse fazer a sua dissertação a partir dos documentos dos Frazier, a maioria destes problemas ficaria resolvida, se não mesmo todos.

O barulho do outro lado do corredor aumentou e Gemma apertou a almofada com mais força contra as orelhas para abafar os ruídos.

– Vou tentar – sussurrou. – É provável que as borboletas me ganhem, mas vou dar o meu melhor.

E tinha sido assim que acabara na casa de hóspedes, com a autocrática Mrs. Frazier. Eram onze da manhã de uma bela primavera, ela chegara do aeroporto poucos minutos antes e Mrs. Frazier dissera-lhe que Isla e Kirk já lá estavam. Gemma apercebeu-se de que deveria ter calculado que eles chegariam um dia antes da entrevista, dado serem muito competitivos. E o mais provável, pensou, era que, por aquela altura, Mrs. Frazier já estivesse embeijada pelos dois. Afinal, Kirk e Isla eram conhecidos por serem encantadores. «Aqueles dois são as luminárias do departamento de história», ouvira ela um professor dizer numa festa de alunos e docentes. «Inteligentes e cultos. Não se pode pedir mais», fora a resposta. Gemma ouvira tudo aquilo pois estava de bandeja de bebidas na mão – mais um dos seus trabalhos temporários.

– A minha boleia chegou – disse Mrs. Frazier, olhando pela janela da sala de estar. Lá fora, encontrava-se uma pequena carrinha de caixa aberta e, a conduzi-la, um jovem robusto e elegante.

– Gostaria de conhecer o meu filho? – perguntou a senhora.

Gemma sabia que, segundo todas as regras da cortesia, deveria sair e cumprimentá-lo, mas detestava a ideia de deixar a casa de hóspedes e o tesouro que continha.

– Ou será que prefere ficar aqui um pouco a sós? – sugeriu-lhe Mrs. Frazier num tom delicado, como se estivesse a falar com uma criança.

– Aqui – foi o que Gemma conseguiu articular.

– Muito bem, então – replicou Mrs. Frazier, já a avançar para a porta. – O almoço será servido à uma e daqui até à casa

é uma caminhada de dez minutos... ou prefere que peça a alguém que venha buscá-la?

– Eu vou a pé – respondeu ela, observando em seguida a senhora entrar na pequena carrinha e afastar-se.

Gemma soltou um suspiro de alívio e quase tropeçou nos próprios pés ao correr para o amplo gabinete. O cheiro a tinta fresca denunciava que a divisão teria sido redecorada pouco antes. Três das paredes estavam forradas com lindas prateleiras de cerejeira e, ao fundo, havia armários. De frente para as janelas panorâmicas encontrava-se uma grande secretária antiga debruada com ornamentos de bronze. Gemma não era especialista em mobiliário, mas calculou que a secretária tivesse sido comprada no mesmo leilão de onde provinham os documentos. O chão estava alcatifado com um tecido branco sujo que imitava uma tapeçaria feita à mão. Por cima, havia um enorme tapete oriental muito puído que dava a ideia de ter sido pisado ao longo de séculos. Nas paredes que ladeavam as portas, havia dois quadros de homens a cavalo, com os seus cães de caça a parecerem ávidos pelo começo da perseguição.

Aos seus olhos, a divisão era celestial. Com o jardim perfeitamente visível pelas portas de vidro e com as prateleiras repletas de documentos intactos, ela queria ficar ali para sempre.

Deu uma volta pelo escritório, olhando para tudo. Nas prateleiras havia caixas de madeira e de cartão, cestos que estavam prestes a rebentar, um ou outro tubo de metal e resmas de papéis atadas com cordéis velhos. No chão, dois baús de cabedal, um banco de madeira com uma tampa com dobradiças e várias arcas pequenas, uma delas fechada com pregos.

Gemma não fazia ideia de por onde haveria de começar. Hesitante, quase com as mãos a tremer, tirou de uma prateleira o que parecia uma chapeleira, provavelmente dos anos 1920, e esperava bem que não contivesse um chapéu. História da moda não era o seu primeiro amor.

Quando viu que lá dentro havia cartas, susteve a respiração. Cartas e diários eram definitivamente duas das coisas de que mais gostava. Junto às portas, encontrava-se um cadeirão bonito e com um aspeto confortável, mas Gemma ignorou-o, sentou-se no tapete, retirou a primeira carta e desdobrou-a.

A carta não estava completa, mas o que ali se encontrava fora escrito numa caligrafia angular e muito fina que era de difícil leitura. Parecia que alguém se esforçara muito para preservar a última parte da carta.

Apesar de ser agora uma mulher velha e ter visto mais do que alguém deveria ver, sobretudo aquela guerra odiosa que quase dividiu o nosso país, aquilo que recorro mais vividamente e com maior mágoa é o que aconteceu aos queridos Julian e Winnie. Nunca acreditei nas lágrimas daquela mulher quando disse que a morte de Julian foi um acidente. Também não julgo que Ewan tenha acreditado nela. Vou contar-te um segredo que pensava que levaria para a sepultura. Lembra-te da histeria quando o Apito da Lebre desapareceu? Procurei tanto quanto os outros, mas sabia que não o encontraria, pois levei-o comigo quando fui para Inglaterra naquele verão de há muito. Queria a sua magia por razões egoístas mas acabei a desejar por Winnie. Nunca tinha dito isto a viva alma, mas acredito que a Pedra lhes deu aquela criança extraordinariamente bela. Na semana passada, escrevi a história e guardei-a num lugar seguro. Espero que todos os Frazier a leiam e descubram o que a parente deles – por via do casamento – fez à família Aldredge. Espero que um dia os descendentes daquela mulher percam a propriedade. Não a merecem! Agora tenho de ir. As minhas velhas e doloridas articulações não me deixam escrever durante muito tempo.

Com amor, Tamsen.

– Uau – exclamou Gemma.

Já se deparara com um mistério e um romance. Olhou para o relógio e disse a si mesma que ainda tinha muito tempo antes do almoço; depois deitou-se de barriga para baixo e dedicou-se à leitura, interessadíssima.